

Visões do “Extraordinário”: O cotidiano soviético aos olhares de viajantes brasileiros no Primeiro Plano Quinquenal (1929-1933)

RAQUEL MUNDIM TÔRRES *

No início da década de 1930, após a promulgação do Primeiro Plano Quinquenal de Stálin, observou-se um aumento do prestígio soviético perante os países capitalistas, que padeciam com a crise de 1929. No Brasil, houve uma multiplicação de livros, tanto enaltecedores quanto denegridores do movimento comunista, iniciando-se, então, uma luta propagandística referente ao movimento comunista e à própria União Soviética.

Em meio a esta literatura combativa, surgiram os relatos de viagem. A maioria deles publicada na década de 1930 era traduções de relatos de viagem de estrangeiros, e foi nesse meio que foram publicados os primeiros relatos de viajantes brasileiros. Segundo Edgard Carone, a curiosidade pela URSS era tanta que o primeiro relato a ser impresso em 1931, *Rússia: notas de viagem, impressões, entrevistas, observações sobre o regime soviético*, de Maurício de Medeiros, atingiu, em poucos meses, seis edições consecutivas, sendo que cada edição oscilava entre duas ou três mil cópias (CARONE, 1986: 66-67).

A atenção voltava-se para os relatos de viagem pelo fato deles prometerem e se colocarem como fidedignos da “verdade” soviética. Henri Barbusse, no prefácio do livro de Osório Taumaturgo, comenta: “Il a vu beaucoup d’autres choses, dont il nous transmet l’image exacte” (CESAR, 1932: 6). Afinal, eram escritos feitos por pessoas que realmente pisaram em solo soviético, que puderam ver com seus próprios olhos o que ali estava sendo construído. Não sendo o bastante, os autores procuravam passar a idéia de total imparcialidade perante o que havia sido observado. Caio Prado Junior, em seu relato de viagem publicado em 1934, afirma que seu livro é um depoimento imparcial de tudo o que viu, e que procurou apenas ser sincero. Da mesma maneira, Maurício de Medeiros assevera:

Feito com as notas, que eu tomava na ocasião para reavivar minha memória, elle só contem o que vi e pude observar. Não há fantasia, nem critica. Cada leitor julgue por si as cousas (...) Leia o meu livro... Tudo que nelle está é a expressão da verdade. E a verdade é uma cousa tão relativa, que ter-se aproximado della já deve contentar o escriptor mais exigente e o leitor mais ranzinza... (MEDEIROS, 1931:8)

Tendo em vista essa idéia de “aproximação da verdade”, cabe-se questionar se tais viajantes de fato conseguiam ter uma boa noção e aproximação do cotidiano soviético no período de suas viagens. Nesse sentido, o objetivo do artigo é refletir e investigar a idéia de cotidiano que os viajantes brasileiros formavam ao observar a vida soviética no período da implantação do Primeiro Plano Quinquenal na URSS, a partir da análise dos relatos: *U.R.S.S: um novo mundo* (1934), de Caio Prado Junior, *Rússia* (1931), de Maurício de Medeiros, *Onde o Proletariado Dirige: visão panorâmica da URSS* (1932), de Osório Taumaturgo César e *Um engenheiro brasileiro na Rússia* (1934), de Cláudio Edmundo.¹

É válido observar que Caio Prado, Osório César e Cláudio Edmundo eram ligados a ideologia marxista e ao movimento comunista. Caio Prado Júnior realizou sua viagem em 1933, sendo que havia se filiado ao Partido Comunista do Brasil em 1931, após se decepcionar com a inconsistência política e ideológica da República de Getúlio Vargas (IUMATTI, 2007:143). Osório César, natural de João Pessoa, crítico de arte e renomado psiquiatra do Hospital de Juquery de São Paulo, permaneceu durante três meses na URSS no segundo semestre de 1931, era adepto ao comunismo, embora não tivesse vinculações formais com o Partido (PICCININI, 2008). Cláudio Edmundo, engenheiro contratado pela URSS em 1930, era também adepto à doutrina marxista, uma vez que em seu relato há um forte enaltecimento da mesma. Já Maurício de Medeiros, médico, professor, escritor e político², tendo realizado sua viagem em um período anterior ao ano de 1930, procurou situar-se a margem de qualquer cunho ideológico, explicitando que a viagem estava sendo feita de forma autônoma.³

Apesar dos relatos se encontrarem em meio a uma luta propagandística, seria irresponsabilidade julgá-los apenas como panfletos enaltecedores ou denegridores do regime, uma vez que o motivo maior da viagem era justamente a curiosidade que eles apresentavam em conhecer um território tão polêmico. Independente da ligação com o movimento comunista ou não, a idéia inicial de todos eles era de fato conhecer a sociedade soviética e explaná-la

¹ O relato de Cláudio Edmundo, no entanto, não possui o formato de um relato de viagem comum. É formado por uma compilação de cartas escritas por Edmundo a um amigo do Brasil, sendo que quase todas elas tratam de questões teóricas acerca da filosofia comunista, apresentando poucas observações sobre a sociedade. No entanto, ele oferece informações interessantes por se tratar de um brasileiro que trabalhou e permaneceu na URSS por pelo menos dois anos, período em que enviou as cartas.

² Maurício de Medeiros foi eleito deputado estadual no Estado do Rio de Janeiro em 1916 e deputado federal, em 1921. Voltou a ser eleito para a Câmara dos Deputados em 1927 e 1930, porém, teve seu mandato interrompido pela revolução que, em outubro de 1930, depôs Washington Luís e levou à formação do Governo Provisório chefiado por Getúlio Vargas. In:

http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/Mauricio_de_Medeiros

³ “Não desejando lá entrar como emissário de qualquer corrente ideológica brasileira, procurei, por meus próprios meios obter as necessarias permissões para essa visita.” MEDEIROS, Maurício de. *op.cit.*, p.8.

em seus relatos, independente de estarem sendo influenciados ou não por alguma ideologia.

Para se ter uma concepção de qual era a imagem que os viajantes formavam do cotidiano da URSS, faz-se necessário conhecer mais a fundo o cotidiano do país no período de suas viagens. Em vista disso, a pesquisa realizada por Sheila Fitzpatrick em seu livro *Everyday Stalinism: Ordinary Life in Extraordinary Times. Soviet Russia in the 1930s* serve como base para uma explanação mais aprofundada do cotidiano soviético. Fitzpatrick busca descrever como os cidadãos soviéticos tentavam viver comumente nas “circunstâncias extraordinárias” da URSS, e chama a atenção para a formação de uma nova espécie social, o “*Homo Sovieticus*”, adaptada às características peculiares das novas instituições soviéticas e da nova estrutura social imposta pelo seu habitat nativo, o stalinismo (FITZPATRICK, 1999).

A idéia de cotidiano de sua pesquisa está ligada às formas de comportamento e “estratégias” de sobrevivência que a população desenvolveu para lidar com as situações extraordinárias impostas pelo regime. Ao deixar claro que seu livro não foi feito para ilustrar nenhuma teoria geral do cotidiano, advertindo que seu objetivo é o cotidiano extraordinário, Fitzpatrick acaba ilustrando as dificuldades de se conceituar o cotidiano e a idéia de que ele existe na contraposição a algo especial, ou seja, no caso, a imposição do regime stalinista.

De qualquer forma, lidar com o cotidiano considerado extraordinário também se mostra válido. Como afirma Klaus Tenfelde, somente a partir do especial se fundamenta o interesse pelo estudo do não-especial, do diferente, do conhecimento da impotência em vez do poder, das pequenas realidades ao invés das grandes (TENFELDE, 1996:39). Norbet Elias indica ainda que o conceito de cotidiano é tudo, menos homogêneo (ELIAS, 1998:167) As deficiências do conceito, ainda segundo Tenfelde, recomendam que se abra mão dele, desde que haja um campo de trabalho, um método e um objeto de conhecimento autônomos.

Nesse sentido, Fitzpatrick constrói o campo de trabalho de sua pesquisa a partir da observação da penetração do Estado Soviético no cotidiano urbano russo da década de 1930, delimitando o campo do cotidiano nas interações e ações que de algum modo envolvessem o Estado, excluindo tópicos mais subjetivos como amor, amizade, e alguns aspectos de lazer e sociabilidade da vida privada, e partindo para tópicos onde o Estado

agisse de forma ativa: compras, moradia, educação, família, casamento, viagens, comemorações, etc. Ela limita seu campo de trabalho na Rússia urbana soviética, e não em toda a URSS, embora afirme que provavelmente as condições de vida por todas as Repúblicas fossem bastante semelhantes.

Desta forma, os aspectos do cotidiano analisados nos relatos de viagem e abordados nesse trabalho são concernentes àqueles mais presentes na pesquisa de Fitzpatrick: a questão das condições de vida nas cidades urbanas, a partir de assuntos como a distribuição de alimentos e outros bens, e das formas de habitação, e a questão da família, partindo para temas como o casamento, divórcio e lei do aborto. A idéia não é quantificar a noção que os viajantes conseguiam ter do cotidiano soviético em suas viagens, haja vista que cada um deles observa variados aspectos da sociedade soviética, e sim qualificar a profundidade (ou não) de suas observações.

De início, é válido observar que, embora os autores aqui abordados tenham viajado em um mesmo período da URSS, o período da implantação do Primeiro Plano Quinquenal (1929-1933), viajaram em anos distintos, o que contribui para algumas diferenciações em suas observações. Medeiros, embora não explicita o ano em que realizou sua viagem, apenas a época do ano – o verão russo -, deixa pistas de que a tenha realizado nos anos anteriores a 1930 (1928 ou 1929), pois faz menção à Olga Kameneva como sendo ainda a diretora geral da VOKS (MEDEIROS, 1931:186) – Sociedade para as Relações Culturais com o Estrangeiro – sendo que esta foi removida de sua posição em fevereiro de 1928, sendo substituída por Fedor N. Petrov (STERN, 1999:104), que se mostrou de acordo com a nova linha política adotada pelo Plano Quinquenal.⁴

Devido a isso, Medeiros é o que mais faz menções à transição da Nova Política Econômica para o Plano Quinquenal. Idealizada por Lênin e implantada em 1921, a NEP foi vista como um recuo a um caminho mais cauteloso do que o comunismo de guerra que imperava sobre a URSS após a Revolução, reintroduzindo no campo as práticas do mercado capitalista, como o direito de arrendar terra e contratar mão de obra, o que estimulou o reaparecimento do camponês considerado rico -kulaks(CARR, 1981:41). Além disso, a NEP permitiu o retorno de empreendimentos capitalistas na pequena indústria e no comércio. Ao

⁴ Embora tenha sido no seu início uma sociedade não governamental, criada em 1925, com o intuito de preservar as ligações entre *intelligentsia* soviética e o mundo intelectual exterior, a VOKS também se submeteu à política stalinista a partir das mudanças de 1929. Tais transformações acarretaram na perda do link com a *intelligentsia* soviética e na submissão das decisões da VOKS ao Comitê Central do Partido. (DAVID-FOX, 2002:7-32).

caminhar por Leningrado, Medeiros se surpreende com as casas de comércio privado, e explica que estas tendem a desaparecer, devido ao pagamento de impostos cada vez mais onerosos, atribuindo à NEP a possibilidade de sua existência, e recebe a explicação de que se tratava de um regime de transição, pois “quando a produção estivesse socializada e em condições de êxito, como se esperava com a aplicação do Gosplan - (o plano quinquenal do Estado) – tudo entraria na ordem e o comércio privado desapareceria, mesmo no interior” (MEDEIROS,1931:45).

Segundo Fitzpatrick, após a implantação do plano, o isolacionismo em relação ao comércio exterior elevou-se, uma vez que a intenção era transformar o país em uma “autarquia econômica”, o que acabou contribuindo para o não envolvimento da URSS na crise econômica de 1929, fortalecendo o prestígio do plano perante a opinião internacional. A partir daí, houve um aumento da suspeita de inimigos estrangeiros e também uma maior hostilidade às classes consideradas “inimigas”: kulaks, padres, ex-capitalistas. O turismo passou a ser mais controlado, e em 1929 foi criada a Intourist, agência responsável, sobretudo, pelo manejo de estrangeiros e turistas na URSS, transformando-se em uma estrutura turística de massa sob controle do Estado Soviético. (STUDER, 2003:4). Desta forma, Intourist e VOKS passaram a trabalhar em conjunto no controle da hospedagem e direcionamento dos viajantes ocidentais a diversos locais.

A adoção do Primeiro Plano Quinquenal, de fato, representou um marco na história soviética. A economia planificada teve como principais direções a coletivização do campo e a industrialização acelerada. Embora se tenha negado oficialmente que a NEP havia sido abolida, uma vez que continuou existindo um livre mercado nos produtos da indústria privada de pequena escala, a subordinação de todas as atividades econômicas ao plano tornou tais resquícios da NEP precários (CARR,1981:140). Fitzpatrick indica que o comércio e os negócios privados das cidades foram fechados, e que diversos Kulaks foram expropriados e deportados para partes distantes do país (FITZPATRICK, 1999:4).

Essa expropriação dos Kulaks e a coletivização do campo provocaram uma migração massiva dos camponeses para as cidades. Quinze milhões de pessoas foram adicionadas à população urbana entre os anos de 1926 e 1933, um aumento de quase sessenta por cento. Os maiores problemas passaram a ser a escassez de alimentos e bens, e a questão das habitações superlotadas. Fitzpatrick indica que a escassez de bens

e de alimentos poderia ser percebida na própria linguagem do cotidiano: ao invés de “comprar”, tornou-se de uso constante a frase “se apossar de”. As pessoas iam para ruas com sacos em seus bolsos, no caso de surgir alguma boa oportunidade de consumir bens que estivessem em liquidação – se viam uma fila, rapidamente se juntavam a ela, para, só depois de terem assegurado o seu lugar, perguntarem quais produtos estavam em oferta.⁵

As principais conseqüências dessa nova realidade soviética foram a racionalização e a chamada “distribuição fechada” (*closed distribution*) de bens. Racionalização significava distribuir quantidade limitada de bens na apresentação de cartões de racionamento com o pagamento. Segundo Fitzpatrick, esse sistema foi introduzido na Primeira Grande Guerra e continuou na Guerra Civil. Era um processo discriminatório, em que os trabalhadores de indústria de categoria mais alta eram privilegiados em detrimento de comerciantes, ex-comerciantes, sacerdotes e proprietários, os chamados “*social aliens*”⁶.

Cláudio Edmundo, admitindo o problema de escassez de alguns produtos e atribuindo esta deficiência às mazelas deixadas pelo regime czarista, comenta de forma breve sobre o racionamento:

Actualmente os productos são distribuidos em quantidades fixas por individuos. Estas quantidades augmentam diariamente. Eis porque ainda existem as chamadas *cartas de consumo*. E’ verdade que isto existe apenas para um certo numero de productos, cuja quantidade é insufficiente ainda para satisfazer as necessidades, e que diariamente vão se tornando mais abundantes, de maneira a fornecer a cada individuo uma porção maior que a fixada anteriormente. Além disto organisam-se armazens para cada categoria de trabalhadores. Elles ahi encontram tudo que necessitam. (EDMUNDO,1934:84)

⁵ Para tais informações, Fitzpatrick se baseou no estudo de um periódico humorístico de Moscou, *Krokodil*, do ano de 1933, e em um projeto da Universidade de Harvard, do Centro de Pesquisa Russo, chamado “Project on the Soviet Social System”, que fornece diversas entrevistas gravadas com soviéticos exilados nos Estados Unidos. (FITZPATRICK, 1999:42). O site do projeto de Harvard é: <http://hcl.harvard.edu/collections/hpsss/>.

⁶ Os chamados “social aliens” eram as categorias sociais excluídas do direito de votar e de se elegerem nas eleições soviéticas, e foram determinadas pela Constituição da República Russa de 1918. Eram eles: pessoas que usavam trabalho terceirizado com o objetivo de extrair lucros (Kulaks, empresários urbanos e artesãos), comerciantes privados e intermediários, padres e sacerdotes, ex-funcionários e agentes da política czarista e da polícia secreta e membros da antiga família imperial, os Romanov. (FITZPATRICK, 1999:117).

Tais armazéns a que Cláudio Edmundo faz referência seriam exemplos da chamada distribuição fechada, que consistia na distribuição de bens racionada no local de trabalho em lojas fechadas ou em refeitórios onde apenas empregados ou pessoas registradas, dando início a um sistema de hierarquia de acesso diferencial aos bens de consumo, contribuindo para a estratificação da sociedade soviética (FITZPATRICK, 1999:55).

A idéia de proteger a população das conseqüências da escassez acabou promovendo fornecimentos privilegiados: distribuidores especiais foram estabelecidos para várias categorias de elite de oficiais e profissionais, fornecendo bens de alta qualidade que não eram disponíveis nas lojas de distribuição aberta. Já os estrangeiros que trabalhavam na URSS tinham seu próprio sistema de distribuição fechada, conhecido como *Insnab*.⁷ O próprio Cláudio Edmundo expõe que, em uma das cláusulas de seu contrato de trabalho, assinado em julho de 1930, os produtos fornecidos para a sua alimentação seriam a 10% do preço comum. (EDMUNDO, 1934:37).

A distribuição fechada foi abolida em 1935. Seis meses depois, porém, inspetores do Ministério do Comércio Interno noticiaram que algumas lojas estavam reservando bens para grupos especiais de compradores. A prática continuou porque era vantajoso para as elites locais, que tinham acesso privilegiado aos bens. No entanto, quando a escassez se tornou novamente presente no final da década de 1930, os pontos de distribuição fechada se multiplicaram.

Os preços dos produtos, de acordo com Fitzpatrick, tendiam a ser baixos nas cooperativas do Estado, embora tivessem filas longas. Outras alternativas eram: o mercado nos *kolkoz*, porém muitos foram fechados no Plano Quinquenal, as lojas *Torgsin*, que vendiam bens escassos apenas para moedas estrangeiras, ouro, prata, etc., e as lojas “comerciais” do Estado, que vendiam bens por altos preços fora do sistema de racionamento. Estas surgiram como uma instituição reconhecida no final de 1929, inicialmente vendendo roupas e se expandindo para outros bens de luxo como caviar, cigarretes e alguns alimentos. Maurício de Medeiros é o único dos viajantes estudados a opinar sobre a distribuição dos gêneros de consumo, e, em Leningrado, ele chega a ter

⁷ É interessante notar que Fitzpatrick se baseia em dois relatos de viagem para esta informação: SCOTT, *Behind the Urals, An American Worker in Russia's City of Steel* (Bloomington, 1973; original ed. 1942), p 86-87 e John D. Littlepage with Demaree Bess, *In search of Soviet Gold* (New York, 1938), p.68. (FITZPATRICK, 1999: 56)

contato com uma dessas lojas comerciais do Estado, reparando justamente na diferenciação dos clientes, atendidos de acordo com seus bens:

Olho os preços. Tudo que é manufacturado é tosco e carissimo. Vitrines mal dispostas, sem gosto nem arte. Trata-se de uma casa de commercio official. Tem o distico (*sic*) que assim a caracteriza. Mais tarde eu teria a explicação desse genero de commercio. São cooperativas do Estado. Ao que me informaram são servidos de preferencia os portadores de accões. Os demais podem comprar, mas em condições de inferioridade, quanto aos preços. O Estado as administra. (MEDEIROS, 1931:44)

Em relação às lojas de gênero alimentício de Leningrado, ele comenta que são as mais freqüentadas, e que o movimento “vai noite a dentro”, não fornecendo muitos detalhes. Provavelmente, seria um possível exemplo das filas em busca de alimentos.

Numa tentativa de justificar o estabelecimento dos racionamentos, Edmundo afirma que, em virtude da raridade dos produtos, uns poderiam se apossar de muito, e outros, de pouco, o que poderia ocasionar no nascimento de um comércio clandestino (EDMUNDO, 1934: 83). O que ele não pôde enxergar, porém, é que esse comércio já existia, por meio de práticas conhecidas como “*Blat*”, que caracterizava um sistema de relações pessoais recíprocas envolvendo bens e favores, tendo como base a amizade de seus integrantes. Um dos entrevistados pelo Projeto Harvard teria chegado a afirmar que um dos provérbios comuns da época era: “Não se deve ter 100 rublos e sim 100 amigos”. Tais relações poderiam ter vários propósitos: conseguir documentos de residência ou documentos de identidade falsos, conseguir melhores colocações no trabalho, materiais para construir uma casa de campo, ou ainda, roupas e sapatos (FITZPATRICK, 1999: 63).

De acordo com Fitzpatrick, os chamados “contatos pessoais” subverteram o significado da reestrutura econômica de Stálin, criando uma segunda economia baseada em contatos pessoais paralelos à primeira, a economia socialista. Devido à aguda escassez, a segunda economia foi provavelmente mais importante no cotidiano das pessoas do que o setor privado na época da NEP. Vale destacar, portanto, que esta segunda economia, e a dimensão do problema da fome no período do Plano Quinquenal, passam despercebidas pelos viajantes aqui abordados.

Fitzpatrick afirma que os padrões de vida caíram bruscamente no início da era Stálin. A fome de 1932-1933 levou pelo menos de três a quatro milhões de vida e afetou a taxa de natalidade de muitos anos. A mortalidade subiu e a natalidade abaixou. A

década de 1930 foi considerada muito pior do que a década de 1920, pois as privações ao povo soviético aumentaram. Além do problema do sistema de racionalização, houve também a questão das habitações superlotadas: as construções das casas domésticas foram tão negligenciadas quanto a manufatura dos bens de consumo, mesmo com o extraordinário crescimento da população urbana da década de 30. (FIZPATRICK, 1999:41-46)

A maioria das pessoas passaram a viver em apartamentos comunais, usualmente uma família por quarto, ou em dormitórios, ou ainda em construções semelhantes à quartéis militares, normalmente construídas por complexos industriais para alojar seus operários. Nessas habitações, os estrangeiros eram privilegiados. Edmundo, contratado justamente para construir essas “cidades” para atender aos trabalhadores dos complexos industriais, tinha em seu contrato a garantia de um imóvel novo com diversos confortos, como telefone, banho, cozinha elétrica, etc. (EDMUNDO, 1934: 37). Fitzpatrick comenta ainda sobre o relato de viagem de John Scott, um trabalhador americano que foi colocado em um “quartel” melhor do que a norma.⁸

Maurício de Medeiros é o único que faz observações mais detalhadas sobre o assunto, a partir de uma conversa com sua intérprete, a qual ele transcreve como num diálogo:

– Mas vivem varias familias no mesmo predio?

– Sim. E nem podia ser de outra forma. O primeiro momento da Revolução atrahio para as cidades uma enorme população. Era preciso localisal-a (sic). O governo municipal se encarregou desse serviço, delimitando dentro de cada habitação o espaço que cada qual poderia ocupar. Eu, meu marido e meu filho estamos pessimamente alojados. Mas não havia como nos alojar melhor. (MEDEIROS, 1931:57)

As autoridades municipais que cuidavam das habitações de fato determinavam quanto espaço os moradores ganhavam, além das normas para se viver em conjunto. Tinham ainda o direito de desalojar residências, como aconteceu com várias pertencentes às classes antes privilegiadas. Diversos lugares como armazéns e galpões de carvão tornaram-se habitações. Ao visitar uma habitação coletiva para encomendar uma blusa ucraniana de uma costureira da região, Medeiros observa que a habitação “em nada se distinguia do que proporcionam entre nós essas grandes casas de cidade que os proprietarios gananciosos transformam em habitações collectivas. A mesma

⁸ SCOTT, John. *Behind the Urals: An american worker in russia's city of steel* (bloomington, 1973 – original de 1942. (FIZPATRICK, 1999:49)

promiscuidade, a mesma falta de higiene, a mesma pobreza geral...” (MEDEIROS, 1931:57).

Pela maioria dos relatos a respeito do tema, Fitzpatrick indica que os apartamentos comunais estavam longe de encorajar atitudes e práticas comunais entre os residentes. Havia linhas demarcatórias de espaço e propriedades privadas sobre os objetos dos espaços públicos, como a cozinha. O fato de morar com pessoas de histórias de vida diversas, e muitas vezes, de classes diferentes, sem privacidade e sob constante vigilância dos vizinhos, provocava uma situação estressante (FITZPATRICK, 1999: 48-49).

As dificuldades das condições habitacionais urbanas, forçando famílias a miseráveis espaços confinados, fazem também parte dos fatores que contribuíram para a deserção de maridos e para a desagregação de diversas famílias. A questão da família e de outros aspectos que a circundam é outro tema de extrema importância na pesquisa de Fitzpatrick e tratado pelos relatos de viagem. A polêmica que envolve o tema é a questão da hostilidade dos comunistas perante a idéia da família conectada aos valores burgueses e patriarcais. A instituição do matrimônio cedeu lugar à liberação sexual, e Fitzpatrick afirma que já na década de 1920 casamentos livres, não registrados, passaram a ser comuns, assim como “divórcios por correio”. As mulheres foram emancipadas, receberam iguais direitos, entraram no mercado de trabalho. Ser apenas dona de casa nesta nova sociedade, passou a ser sinônimo de vergonha (FITZPATRICK, 1999: 142).

Caio Prado corresponde a essa nova concepção. Em seu relato, ele indica que a necessidade das mulheres e de crianças no mercado de trabalho deu início à dissolução da família, afirmando que o regime soviético nada mais fez do que resolver uma contradição que há muito já minava os alicerces da família burguesa, sendo esta mantida apenas pela persistência das leis, costumes e moral obsoletos. Segundo ele, o direito soviético não procurava proteger a família, mas sim, consagrava-a apenas como um meio de garantir os interesses e direitos daí derivados, de cônjuges e filhos, subordinando a organização da família aos próprios interesses dos membros. (PRADO JUNIOR, 1934:154-160). Nesse sentido, Medeiros aponta que a noção de família, em uma sociedade comunista, deveria ser subordinada ao sentimento de coletividade. Desta forma, para que a sociedade coletiva admitisse e amparasse a família, seria necessário

que ela se transformasse num agrupamento humano de colaboração à sociedade em que se encontrasse (MEDEIROS, 1931:83).

Em visita a um ofício de registro de casamentos e divórcios, Medeiros fica encantado com a rapidez nos processos conjugais. O divórcio, como ele explica, poderia ser declarado por vontade unilateral de qualquer um dos cônjuges, sendo o outro cônjuge avisado por um ofício via correio. Se este, após avisado, fizesse restrições ao entendimento, poderia entrar então com um processo. No caso de separação, o marido deveria uma pensão de sustento à mulher, quando houvesse filhos ou quando a mulher não trabalhasse. Se o marido, porém, fosse inválido ou desempregado, seria a mulher que deveria ser a responsável pela pensão, sendo mais um exemplo de igualdade de direitos e deveres a ambos os sexos, enaltecida por todos os relatos (MEDEIROS, 1931:100).

A questão da aparente eficiência dos processos conjugais, no entanto, não era tão simples, como denuncia Fitzpatrick. Devido à facilidade da lei e às dificuldades, tornou-se comum o abandono de famílias pelos maridos. Em uma charge publicada no jornal humorístico *Krokodil*, de 1935, reproduzida no livro de Fitzpatrick, um homem, ao ser perguntado se havia deixado sua esposa completamente sozinha, responde: “O que você quer dizer? Eu a deixei com a criança.” (FITZPATRICK, 1999: 136). Tais situações ocasionaram diversos pedidos e processos de mulheres que recorriam à intervenção do Estado para que as autoridades encontrassem seus maridos e os forçassem a pagar a devida pensão.

Devido a isso, havia muitas mulheres que sustentavam suas crianças sozinhas. Havia a igualdade dos sexos, mas a mulher não deixou de ser a principal mantenedora e responsável pelo desenvolvimento de seus filhos. A maioria das reclamações em relação às questões de carência e dificuldades para sustentar os filhos vinham delas. Muitas vezes, a única solução encontrada era o abandono. Fitzpatrick atribui o problema das crianças negligenciadas aos casamentos casuais, à facilidade do divórcio, às mulheres inseridas cada vez mais no campo de trabalho e, acima de tudo, aos problemas de habitação. Desta forma, percebe-se que os viajantes tinham uma concepção muito superficial do problema, muitas vezes não enxergando a dimensão das conseqüências de leis e costumes implantadas no devido regime.

Isso não quer dizer, porém, que suas observações sejam completamente defasadas a respeito do cotidiano soviético. Embora afirme que o conceito de família havia modificado sensivelmente, Medeiros também observa o aspecto carinhoso das famílias em um passeio dominical, afirmando que, apesar do conceito ser alterado, o sentimento familiar resistia e subsistia à nova plasticidade (MEDEIROS, 1931:85). Mesmo Caio Prado Junior, defensor da idéia de que a família é um simples produto das circunstâncias históricas, comenta que os sentimentos familiares conservaram-se mais ou menos os mesmos, mantendo-se a coesão da família soviética num grau apreciável, e certamente sua dissolução total não iria acontecer nas atuais gerações (PRADO JUNIOR, 1934:165).

As opiniões de tais autores coincidem com as idéias apresentadas por Fitzpatrick, na medida em que ela afirma que havia um outro lado da história: em alguns aspectos, a incerteza e as condições perigosas dos anos 30 tornavam as famílias mais fortes, pois muitos de seus membros procuravam ficar próximos, como uma maneira de se auto - protegerem. No projeto Harvard, a grande maioria dos entrevistados que moravam nas cidades, ao serem perguntados se a família havia se tornado mais ou menos coesa, respondiam que a família se tornara mais próxima, ou permanecera a mesma. Existia, portanto, uma idéia de resiliência familiar, indicando o aspecto contraditório do impacto das novas condições soviéticas sobre a família (FITZPATRICK, 1999:140).

Ela afirma ainda que, embora o aborto estivesse legalizado desde o início da década de 20, ele nunca havia sido encorajado, e já no final da década existiam campanhas ativas contra o aborto, o divórcio casual e a promiscuidade. Os relatos de viagem que se arriscam a falar da questão da legalização do aborto são os dos médicos Maurício de Medeiros e Osório César. Os discursos deles se assemelham ao explicarem a legislação soviética, afirmando, por exemplo, que o aborto só poderia ser praticado nos primeiros três meses de gravidez, e que havia todo um cuidado de exames e de levantamento das razões para tal, a fim de determinar se ele seria plausível ou não. Para defender a medida, os autores se remetem à quantidade de abortos clandestinos existentes nos países de sociedade burguesa. Osório Cesar utiliza-se de estatísticas para comprovar que a adoção da lei não causou baixa no aumento normal da população, uma

vez que o número de abortos seria compensando pelo número de nascimentos. (CESAR, 1932: 157).

Ambos se divergem, no entanto, quando comentam sobre as justificativas para a adoção da lei. Para Medeiros, seria apenas por uma questão de ordem higiênica e não moral, uma vez que as condições do aborto clandestino eram péssimas. Já Osório Cesar explica que a legalidade do aborto corresponde a um dever social, e a um direito social. O dever seria a sua obrigatoriedade nos casos de graves de moléstias orgânicas de um dos pais ou de acidentes durante a gravidez que pudessem prejudicar o feto, sendo os pais punidos severamente caso não cumprissem com a lei. O direito seria no caso do aborto social, em que, por não possuir condições econômicas o suficiente para sustentar um filho, o casal poderia optar pelo aborto, deixando claro, no entanto, que o Regime não incentivava esse tipo de prática:

E é por isso que a Rússia soviética, para formar uma geração sadia, instituiu o aborto obrigatório nos casos de moléstias reconhecidas dos pais, as quais possam deixar taras nos filhos. Nesse ponto a lei é severa. A saúde de cada indivíduo é controlada pelos médicos de distritos. Não será isto um atentado à liberdade individual? Mas que importa que o seja se o sacrifício do indivíduo reverte em favor da coletividade? (...) a hereditariedade é um fator importante na vida do indivíduo. Grande número de moléstias são transmitidas aos filhos pelos pais. E a maior parte delas são moléstias graves constitucionais e de consequência desastrosa para a sociedade. A ciência nada pôde fazer em seu benefício. Somente a eugenia resolve o problema. E a Rússia dela se prevalece. (CESAR, 1932:172-173)

Não há nenhuma referência de Fitzpatrick em relação à existência de um aborto obrigatório. Além de mencionar que a prática não era encorajada pelo regime, ela aponta que em 1936 houve um projeto de lei a fim de reforçar os laços familiares, propondo a proibição do aborto, exceto quando a vida da mãe estivesse ameaçada. O projeto ainda lidava com a questão do divórcio, da pensão alimentícia para as crianças e das recompensas às mães que tivessem muitos filhos, e foi um dos únicos a serem colocados em discussão pública. Após um mês de discussão, o decreto sobre a proibição do aborto se tornou lei em maio de 1936, sendo praticamente o mesmo texto do projeto anterior, embora diversas mulheres da cidade tivessem opinado contra ele. A única exceção adotada foi para as mulheres com doenças hereditárias, mas não há menções de Fitzpatrick sobre uma obrigatoriedade nesse caso. A lei ainda dificultou os procedimentos para o divórcio, passando a requerer valores gradativos a cada divórcio que fosse efetuado (50 rublos para o primeiro, 150 para o segundo e 300 rublos para

qualquer outro subsequente), além de também definir e aumentar a pensão alimentícia para os filhos de casais divorciados (FIZPATRICK, 1999:152-155).

Em geral, Fitzpatrick comenta que a nova legislação foi muito bem aceita pela sociedade, o que se contrapõe a idéia de Caio Prado de que não existia na legislação soviética preocupação alguma relativa à estabilidade da família. Percebe-se, a partir dos exemplos de Caio Prado e Osório César, que muitas vezes as observações escritas sobre o cotidiano soviético eram utilizadas pelos viajantes como forma de justificar as suas próprias convicções, não só políticas como também pessoais, o que, seguramente, contribuía para encobrir as contrariedades existentes na sociedade soviética.

Dentre os relatos aqui analisados, podem-se encontrar exemplos de aspectos do cotidiano que não chegam a ser comentados ou analisados por Fitzpatrick. Um exemplo são as observações que os viajantes fazem a respeito das casas de reeducação para prostitutas, chamadas de “Profilactoriums”, que chegam a ser visitadas por Maurício de Medeiros, Caio Prado Junior e Osório Cesar.

Ao comentar sobre a prostituição, Fitzpatrick indica apenas que as prostitutas eram vítimas de um processo de remoção de marginais das grandes cidades, iniciado ao final da década de 1920, e que a maioria delas eram expulsas de seus locais de trabalho e enviadas para colônias de trabalho. Ela chega a apontar que em Leningrado havia uma “história russa” de relatórios de prostituição, e que só nos anos de 1934-1935, haviam sido detidas quase 18 mil mulheres. A informação coincide com a impressão de Medeiros, que se espanta com a quantidade existente em Leningrado, diferentemente da prostituição discreta e escondida de Moscou, onde ele chega mesmo a descrever a busca por uma “aventura”, embora se mostrasse escandalizado pelo fato do regime soviético tolerar ainda esse gênero de profissão. (MEDEIROS, 1931: 147).

Nas casas de reeducação visitadas pelos viajantes, as mulheres eram tratadas, caso apresentassem doenças venéreas, e ainda aprendiam algum ofício, para só depois serem encaminhadas para algum trabalho. Cesar aponta ainda que elas não estavam presas, tinham o direito de saírem em grupos todas as tardes, para se vigiarem e se defenderem mutuamente. De qualquer forma, ele também comenta que caso os processos de reeducação falhassem, a mulher era enviada pelo governo para a Sibéria, onde “vai encontrar outro meio de reeducação.” (CESAR, 1932:168).

Conclusões

A visão dos viajantes brasileiros em relação ao cotidiano soviético, apresentada em seus relatos é, sem dúvida, limitada. Além das observações serem às vezes deturpadas por questões de convicções pessoais e de cunho ideológico, é necessário observar que quase sempre a única visão que o viajante possuía da sociedade era aquela que o Governo Soviético lhe indicava. Sempre acompanhados por guias, sendo estes funcionários do governo, já recebiam a indicação de quais instituições a serem visitadas. O único que consegue fugir um pouco disso, dentre os relatos comentados, é Maurício de Medeiros, que procurava visitar órgãos incomuns, como por exemplo, um escritório de registro de casamentos e divórcios: “Assim, sempre que a minha interprete em Leningrado me propunha uma visita a um Museu de Arte – Ermitage, Museu Russo, etc. – eu substitua a proposta por uma visita a uma instituição moderna, que me desse uma visão do movimento social.” (MEDEIROS, 1931:95).

Essa visita guiada limitava a visão do cotidiano soviético dos viajantes em instituições governamentais, como hospitais, fábricas, creches, maternidade, clubes de cultura, etc., sendo que muitas delas estavam ligadas às fábricas ou complexos industriais. Tais instituições não chegam a ser abordadas de forma profunda no trabalho de Fitzpatrick, como no caso das casas de reeducação para mulheres. Isso decorre por dois motivos: primeiramente, pela própria escolha de Fitzpatrick de denunciar o cotidiano extraordinário, ou seja, aquilo que não era mostrado nas estatísticas do Governo, o que a faz, obviamente, priorizar as fontes alternativas aos documentos oficiais, fundamentando-se em uma ampla pesquisa de jornais e revistas, biografias de pessoas da época, diários, obras de memória, relatos de viagem, trabalhos sobre opinião pública, entrevistas, além de uma pesquisa extensiva em mais de dez arquivos russos, citados em sua bibliografia.

O segundo motivo, e, provavelmente, o fundamental, é que visitar as instituições governamentais significava ter uma concepção da vida cotidiana do operariado soviético, e não de outras classes, ao passo em que Fitzpatrick apresenta como objetivo estudar as experiências e práticas comuns da população urbana como um todo, não focalizando apenas na classe operária soviética. Desde o início, Fitzpatrick estabelece que a questão do trabalho não é um tópico central em seu estudo, uma vez que é uma parte da vida cotidiana que varia muito de uma ocupação para a outra. A partir disso, ela

opta por não utilizar o conceito de classe como base única ou prioritária de análise, chamando a atenção para o fato de que as classes - após a Revolução Proletária de 1917 que expropriou as classes privilegiadas - deixaram de ser importantes como base de uma organização política e social, para passarem a ser um atributo de definição da relação do indivíduo para com o Estado Soviético, e não entre elas mesmas (FITZPATRICK, 1999: 11-12).

Segundo ela, a discriminação, iniciada pelos bolcheviques, das classes anteriormente privilegiadas, em diversos contextos da vida cotidiana, como educação, justiça e racionalização de bens, contribuiu para corromper a idéia de classe como categoria social.⁹ As pessoas discriminadas passaram a esconder sua classe de origem para tentar se passar por proletários ou camponeses pobres. De fato, a intérprete de Maurício de Medeiros chega a comentar que, por ser casada com um ex-oficial da marinha, teve a idéia de colocar o rapaz numa fábrica, para que ele tivesse chances de entrar em uma universidade, uma vez que a maioria das vagas era destinada a operários (MEDEIROS, 1931:216).

Essa mesma discriminação de outras categorias sociais é encontrada também nos relatos, que expõem o cotidiano soviético sob a perspectiva de vida do operariado soviético e de seu governo. Não há, por exemplo, preocupações com a *intelligentsia* soviética, ou com os antigos proprietários de loja. Fica-se subtendido que todos se adequaram perfeitamente ao regime. Ao comentarem sobre a emancipação da mulher no regime soviético, a impressão que os autores passam é a de que todas as mulheres tornaram-se trabalhadoras. Caio Prado Junior aponta a abolição do trabalho doméstico da mulher, a partir da criação das habitações e restaurantes coletivos, que as libertaram de trabalho como limpeza, preparo de refeições, etc. Entretanto, Fitzpatrick indica, por exemplo, a existência de um movimento de donas de casa e esposas da pré-revolucionária *intelligentsia* que, por se encontrarem demasiado solitárias e isoladas da sociedade, decidiram se unir para praticar ações sociais de forma voluntária, como organizar jardins de infância, enfermarias, creches, bibliotecas, decorar dormitórios de

⁹ Fitzpatrick afirma ainda que “Proletariado” se transformou em um termo que denotava lealdade política e ideológica ao Partido, o termo “burguês” ou “kulaks” (os proprietários de terra considerados enriquecidos) já denotavam a idéia de um desvio ideológico. Além disso, o direito de votar, por exemplo, foi reservado à classe trabalhadora e os filhos de nobres e padres foram excluídos da educação superior. (FITZPATRICK, 1999: 12)

trabalhadores, além de se preocuparem também em melhorar a qualidade de vida de seus maridos (FITZPATRICK, 1999:157).

Em relação a essa questão, Maurício de Medeiros avança mais em suas observações. Chega, por exemplo, a relatar o encontro com uma velha que esmolava na porta de seu hotel, queixando-se do regime soviético e exaltando os dias passados da época czarista em que era dançarina de ópera (MEDEIROS, 1931: 71). Não por acaso, Medeiros é o único dos viajantes aqui abordados que não possuía fortes convicções com a ideologia comunista, indicando a relação da influência da ideologia no olhar dos viajantes, como já observou Rachel Mazuy: os viajantes comunistas, ou os adeptos a esta ideologia, buscavam o que os soviéticos estavam dispostos a fornecer: a confirmação de sua ideologia e o reforço de sua fidelidade partidária (MAZUY, 2002:285).

Desta forma, é válido dizer que os relatos de viagem dizem muito mais sobre seus observadores do que sobre os observados, até mesmo pelo fato de sempre estarem fazendo comparações e alusões à própria sociedade em que viviam. O que lhes chamava a atenção, como eles descreviam e que comparações faziam, são algumas maneiras de investigarmos suas aspirações, suas crenças e suas angústias a respeito de diversos fatores da sociedade.

Isso não quer dizer que eles não possam ser utilizados como fontes de pesquisa por outros estudos, como o estudo do cotidiano. Como vimos, na própria pesquisa de Fitzpatrick, há citações de relatos de estrangeiros que trabalharam na URSS, principalmente nos aspectos de como era o cotidiano dos próprios estrangeiros e como estes eram tratados pelo regime. Além disso, os relatos de viagem contribuí também para o estudo da imagem que as autoridades soviéticas procuravam passar para seus visitantes, desde que se leve em consideração as convicções ideológicas dos mesmos.

Bibliografia

Fontes primárias:

- CESAR, Osório Taumaturgo. *Onde o proletariado dirige: visão panorâmica da URSS*. Pref. de Henri Barbusse. São Paulo: [s.n.], 1932.
- EDMUNDO, Cláudio. *Um engenheiro brasileiro na Rússia*. Rio: Calvino, 1934.
- MEDEIROS, Maurício Campos de. *Rússia: notas de viagem, impressões, entrevistas, observações sobre o regime soviético*. Rio de Janeiro: Calvino, 1931.

PRADO Junior, Caio. *URSS: um novo mundo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

Fontes secundárias:

CARONE, Edgard . *O Marxismo no Brasil (das origens a 1964)*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

CARR, E.H. *A Revolução Russa de Lênin a Stálin (1917-1929)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981

ELIAS, Norbert “On the Concept of Everyday Life”. *The Norbert Elias Reader: a Biographical Selection*. Oxford: Blackwell, 1998.

IUMATTI, Paulo Teixeira. *Caio Prado Junior: uma trajetória intelectual*. São Paulo: Brasiliense, 2007,p. 143.

FITZPATRICK, Sheila. *Everyday Stalinism. Ordinary Life in Extraordinary Times: Soviet Russia in the 1930s*. Nova York: Oxford University Press, 1999.

MAZUY, Rachel. *Croire Plutôt que Voir?: Voyages en Russie Soviétique (1919-1939)*. Paris : Odile Jacob. 2002.

TENFELDE, Klaus. “Dificuldades com o Cotidiano”. *História: Questões & Debates*, Curitiba, v.13, n.24, p.28-55, jul./dez., 1996.

Fontes eletrônicas:

DAVID-FOX, Michael. “From Illusory ‘Society’ to Intellectual ‘Public’: VOKS, International Travel and Party-Intelligentsia Relations in the Interwar Period”. *Contemporary European History*, II, I (2002), pp.7-32. United Kingdom: Cambridge University Press. Acessado pela JSTOR, em 17/06/2009.

PICCININI, Walmor J. “Psiquiatras Comunistas: Osório César”. *História da Psiquiatria*. Maio de 2008, Vol.13, n.5. In: *Psychiatry On line Brasil*. In: <http://www.polbr.med.br/ano08/wal0508.php>. Acessado em 03/08/2010.

STERN, Ludmila. “The All-Union for Cultural Relations with Foreign Countries and French Intellectuals, 1925-29”. *Australian Journal of Politics and History*: Volume 45, Number 1, 1999,pp.99-109. Acessado pela JSTOR, em 04/08/2009.

Projeto Harvard - Project on the Soviet Social System: <http://hcl.harvard.edu/collections/hpsss/>. Acessado em 10/08/2010.